

**EPISTEMICÍDIO FEMININO:
REFLEXOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES EM SUA
FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA¹**

**FEMALE EPISTEMICIDE:
REFLECTIONS IN THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF WOMEN IN
THEIR UNIVERSITY EDUCATION**

Leticia Viana de Castro²

RESUMO

Este trabalho tem como tema geral o epistemicídio feminino. Objetiva compreender em que medida o silenciamento de autoras afetou a formação universitária de mulheres cientistas sociais, assim como, perceber como essas mulheres, hoje professoras universitárias, refletem sobre a influência de outras cientistas sociais nas suas identidades como mulheres, docentes e intelectuais. A pesquisa se caracteriza como qualitativa tendo como procedimento de construção de dados a realização de entrevistas semiestruturadas. O campo da pesquisa foram os cursos de Ciências Sociais das universidades públicas do Ceará. As principais bases teóricas escolhidas foram Aparecida Sueli Carneiro, bell hooks, Michelle Perrot e Jaqueline Lima Santos. Os principais resultados demonstram que, apesar do curso de Ciências Sociais ainda ser majoritariamente construído por uma bibliografia masculina, existe um gradativo avanço, e que as professoras têm realizado um exercício de inclusão das Sociólogas/Cientistas Sociais nos currículos da formação universitária.

Palavras chaves: Epistemicídio feminino; Identidades; Professoras universitárias.

ABSTRACT

This work has as its general theme female epistemicide. It aims to understand the extent to which the silencing of authors affected the university education of women social scientists, as well as to understand how these women, now university professors, reflect on the influence of other social scientists on their identities as women, teachers and intellectuals. The research is characterized as qualitative with the procedure of data construction and semi-structured interviews. The field of research was the Social Sciences courses of the public universities of Ceará. The main theoretical bases chosen were Aparecida Sueli Carneiro, bell hooks, Michelle Perrot, Jaqueline Lima Santos. The main results show that although the Social Sciences course is still mostly constructed by a male bibliography, there is a gradual advance, and that the teachers have carried out an exercise of inclusion of Sociologists/Social Scientists in the curricula of university education.

Keywords: Female epistemicide; Identities; University professors.

¹ Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Sociologia, sob orientação da professora Doutora Joana Röwer.

² Bacharel em Humanidades e Licencianda em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

INTRODUÇÃO

Ao entrar em contato com autoras na graduação, voltei ao passado quando fazia o ensino médio e percebi que nunca havia estudado nenhuma intelectual até entrar na academia, onde comecei a desenvolver meu pensamento crítico também sobre estas questões. Fazendo uma disciplina de gênero, ministrada por outras mulheres, tive uma visão diferenciada do mundo e obtive, também, uma transformação em minha identidade, pensamentos futuros de como aquelas mulheres estavam ensinando a me posicionar pensar, refletir.

Através de tantas descobertas que obtive com os estudos e com essas mulheres, quando coloco autoras é de um modo geral, mulheres de todas as diversidades, contrariando o raciocínio retrógrado e hegemônico branco, que, querendo ou não, pensam unicamente em mulheres brancas. Coloco aqui todas, apesar de algumas sofrerem um silenciamento ainda mais avassalador, como as mulheres negras e as mulheres trans.

Assim, consegui reconhecer que dentro da sociedade em que vivemos somos alienadas para servirmos aos sistemas e ideologias que nos excluem. Para que lógicas de dominação masculina funcionem, somos ensinadas a naturalizar e a não nos rebelarmos. Com isso, comecei a diferenciar os posicionamentos das minhas colegas sobre várias questões, analisando o discurso delas que, por muitas vezes, reproduziam os sistemas opressores. Dessa forma, me veio o interesse de saber como as mulheres vem tendo contato com intelectuais mulheres, para a desconstrução de um padrão: o da naturalização da produção do conhecimento masculino.

Dessa forma, foi desenvolvida nesta pesquisa, primeiramente, uma análise histórica mostrando o epistemicídio que, segundo Jaqueline Lima Santos (2010) “seria o assassinato do conhecimento de alguém”. Sueli Carneiro (2005) também traz esse debate do epistemicídio que vem da mesma fonte das discussões de Boaventura de Sousa Santos (2009). Posteriormente, serviu-se da ferramenta narrativa para analisar trajetórias de professoras universitárias. As narrativas de docentes dos cursos de Ciências Sociais do estado do Ceará, nesta pesquisa, não são somente um instrumento de coleta de dados, mas uma forma dar importância à história dessas mulheres, emponderando-as. Há uma escolha consciente de enaltecer suas narrativas.

Desse modo, esse trabalho tem como objetivo compreender, diante das narrativas de professoras universitárias e suas trajetórias no ensino superior, como o contato com intelectuais mulheres no seu processo formativo reflete na construção de suas identidades e no seu ser docente. De forma pontual, procurou-se perceber qual a importância de estudar intelectuais na construção da identidade de outras mulheres intelectuais, utilizando-se de um aporte teórico sustentado, sobretudo, em pesquisadoras/escritoras e entrevistas de professoras universitárias.

Este trabalho tem o intuito de reforçar a necessidade da construção de uma identidade e de luta por espaços de poder, bem como, a de ter o conhecimento das faces do ser mulher e saber se posicionar diante de situações e opiniões. Além do intuito de fazer visíveis várias intelectuais que serão utilizadas neste trabalho. A contribuição dessa pesquisa rumo no sentido de fazer com que as mulheres universitárias, de quaisquer que sejam as áreas, busquem referências em outras intelectuais. E, se não tiverem, que se tornem referências de epistemes, embora essa pesquisa seja voltada para as ciências humanas. Portanto, essa pesquisa objetiva compreender como se reproduz o epistemicídio feminino na formação universitária e qual a influência desses acontecimentos na construção das identidades femininas. Por outro lado, busca, também, identificar como o acesso à literatura feminina na formação contribui no fortalecimento de mulheres universitárias como produtoras de conhecimento.

O indivíduo precisa de várias vertentes para constituir-se e estabelecer suas relações, uma delas é a identidade. A construção dessa identidade advém de processos históricos, sociais e o meio onde se vive se faz de extrema importância no desenvolvimento da composição identitária. A partir disso, e diante a sociedade, vai se distinguir composições de indivíduos, uma delas vai obter o poder diante das outras, manipulando e estereotipando todo resto para que se tornem indivíduos fragilizados.

Dessa maneira, a formulação da identidade feminina provém de repressões, de objetificações e de uma gama de esquecimentos, tudo isso devido ao patriarcado. Além disso, houve também um processo de eliminação e mascaramento do que é ser mulher. Muitas lutas foram travadas, desintegrando a figura feminina. Desde 1970 vem à tona movimentos de mulheres que defendem que elas não precisam da figura masculina para poder estar, ter e viver. Porém, com o enraizamento de estruturas opressoras, as mulheres sofrem violências e silenciamentos até os dias atuais. Em vista disso, é possível lançarmos alguns questionamentos: como a literatura feminina é utilizada nos cursos de formação universitária? Como influenciam na construção da identidade de mulheres acadêmicas, sendo elas produtoras de conhecimento? Como o epistemicídio feminino pode ser reproduzido na formação universitária?

Ao entrar na universidade foi possível perceber a importância de estudar obras de mulheres, pois, antes de ingressar na universidade não conhecia nenhuma intelectual feminina, e ao conhecer algumas autoras, a minha identidade foi sendo construída. Antes a minha episteme tinha sido formada através de obras de homens, e se havia alguma de mulher, não tinha o conhecimento, considerando que não eram referenciadas. Quando falavam de escritores e pesquisadores vinham imagens de homens, nunca de mulheres. Dessa forma, reproduzia o machismo e não percebia, dado que era algo que já estava enraizado. Também não percebia que

estava me excluindo dos espaços por conta dessas reproduções. Quando comecei a me apropriar das obras de autoria feminina, fui obtendo conhecimento sobre as lutas das mulheres e fui percebendo essa reprodução, e em cada momento que vivemos se faz necessária uma reflexão de como tem se dando a nossa apropriação do conhecimento e construção da nossa individualidade.

Com o conhecimento dessas mulheres e os debates de gênero que participei pude compreender como as mulheres tinham sido excluídas, banalizadas e, com essas mulheres, estou aprendendo a ter argumentos para lutar e fazer com que nós tenhamos visibilidade. Porém, o acesso de obras das intelectuais é muito restrito, não chegando ao conhecimento de muitas universitárias. Desse modo, identifiquei mais um motivo de fazer esta pesquisa: saber como está sendo construída as identidades das mulheres dentro desses espaços acadêmicos, com o intuito de fazer com que mulheres universitárias tomem consciência da importância de estudarmos as produções de outras mulheres como uma forma de espelhamento e de nos ajudarmos em nossos processos de autoafirmação.

A identidade vivenciada pelas mulheres atualmente não foi criada por nós, porém, no cenário atual, estamos tentando desconstruir, modificar essa identidade que nos foi estabelecida e que ainda se perpetua. No entanto, através da presente pesquisa, quero fazer visível a importância da construção de identidade para a formação de pessoas de luta, produtoras de conhecimento capazes de mudar esse cenário que nos foi imposto sem nossa consulta e motivar outras companheiras a somarem nessa desconstrução.

É importante destacar que foi realizada uma pesquisa no âmbito da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) sobre as produções acadêmicas que se debruçaram sobre a temática específica deste trabalho.

Também é oportuno pontuar que a pesquisa aqui apresentada no curso de Licenciatura em Sociologia é uma continuidade do projeto de pesquisa desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado em Humanidades (BHU) da UNILAB. Foi observado que, após o meu TCC do BHU, há dois trabalhos que apresentam a temática do epistemicídio feminino. Um construído também no curso de Sociologia, de autoria de Bianca Santos (2022) e outro a partir de um viés mais histórico escrito por Luana Lessa (2019). Porém, nenhuma das pesquisas tiveram como objetivo a relevância de estudar autoras para construção da identidade ou como estímulo da formação de outras mulheres.

Essa pesquisa se faz relevante também, na medida em que traz uma reflexão tanto para docentes de como estão sendo construídas as Propostas Pedagógicas Curriculares (PPCs), para que nestes documentos estejam indicadas obras escritas por mulheres. É necessário não somente

incluir como referência obras e produções feitas por mulheres dentro da sala de aula, mas falar da importância de suas trajetórias. A fim de que se reflita sobre a representatividade na construção do saber e se realize, constantemente, um exercício de autocrítica e reflexão sobre a prática, na medida que é relevante para as mulheres e homens ter referências de figuras femininas em sua formação.

Por fim, o intuito desse trabalho é colaborar com uma maior visibilidade para intelectuais na construção da ciência feita por mulheres. E, também, para a valorização do pensamento feminino na construção do pensamento crítico em todas as ramificações do conhecimento. Em termos de estruturação, este artigo está organizado com as seguintes partes, além da introdução e das considerações finais: (1ª) a fundamentação teórica que aborda o epistemicídio feminino, a construção identitária e sobre mulheres universitárias; (2ª) apresenta a metodologia desenvolvida a partir de uma pesquisa de campo com a realização de entrevistas; e, (3ª) a análise dos dados da pesquisa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

EPISTEMICÍDIO FEMININO

Essa morte do conhecimento feminino advém muito antes dos séculos XVI e XVII, porém me atentarei inicialmente a partir desse período. O período histórico da Idade Média intitulado como Idade das Trevas ocorreu na Europa principalmente, onde o autoritarismo e o patriarcado se manifestaram muito forte e violento. Neste período, houve a caça às bruxas que se intensificou nos séculos XVI e XVII (FEDERICI, 2004. p, 16). A denominada “caça às bruxas” era também o que conhecemos hoje como epistemicídio do conhecimento feminino, visto que as mulheres eram denominadas bruxas por terem conhecimentos sobre algo além daquilo que lhes era permitido saber. Por conta desses saberes, eram queimadas em fogueira ou afogadas, sendo executadas, como encontramos no texto de Ramón Grosfoguel (2016). Essas mulheres eram donas de conhecimentos ancestrais que percorriam várias áreas, sendo a condição de deter um saber, o motivo da execução.

Essas mulheres dominavam conhecimentos xamânicos de tempos ancestrais. O conhecimento que acumulavam abrangia diferentes áreas, tais como astronomia, biologia, ética etc.[...] Milhões de mulheres foram queimadas vivas, acusadas de bruxaria, ainda nos primórdios da Modernidade. Dadas as suas qualidades de autoridade e liderança, os ataques constituíram uma estratégia de consolidação do patriarcado centrado na cristandade, que também destruía formas autônomas e comunitárias de relação com a terra. A Inquisição foi a vanguarda dos ataques. A acusação era um ataque a milhares de mulheres, cuja autonomia, liderança e conhecimento ameaçavam o poder da aristocracia, que se tornava a classe capitalista transnacional tanto nas colônias quanto na agricultura europeia. (GROSFUGUEL 2016 p.42).

A perspectiva epistêmica não foi criada para as mulheres, ela foi iniciada a partir de um modelo de conhecimento ocidental do homem branco e heterossexual. Tudo que fugia desse enquadramento se tornava descartado e excluído. Tudo que era produzido, era dito como não conhecimento, denominados como grupos não privilegiados. As mulheres não conseguiam se desenvolver intelectualmente, visto que existia uma barreira que sempre fez de tudo para que as mulheres não ocupassem os espaços devidos, assim tornando que suas identidades e suas narrativas fossem manipuladas e ou apagadas.

O privilégio epistêmico dos homens ocidentais sobre o conhecimento produzido por outros corpos políticos e geopolíticos do conhecimento tem gerado não somente injustiça cognitiva, senão que tem sido um dos mecanismos usados para privilegiar projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo. [...] homens ocidentais do privilégio epistêmico definir o que é verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais. (GROSFUGUEL, 2016 p, 25).

Esse projeto patriarcal, imperial, sexista, racista fez com o que conhecimento das mulheres desde muito tempo, principalmente na Idade Média, quando começou a se constituir estruturas de longo prazo, fosse desvalorizado. Toda narrativa de determinados corpos como o feminino foram silenciados. Podemos ter afirmação disso quando Silvia Federici (2004) no seu livro *Calibã e a Bruxa*, diz que em “menos de dois séculos, centenas de mulheres foram queimadas, enforcadas e torturadas”. Mulheres essas que traziam seu conhecimento no seu corpo, transmitiam o conhecimento através da linguagem, do gesto passando de geração para geração, não através de livros. Tudo isso aconteceu pelo medo dos homens de que mulheres ocupem lugares de poder, devidamente porque as mulheres poderiam ter decisões mais racionais.

A caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social. Neste sentido, de um modo similar ao ataque contemporâneo à “cultura popular” [...] caça às bruxas. (FEDERECI, 2004, p 297, 298).

A partir do epistemicídio, enraizamento do patriarcado e uma “ideia de modernidade falha” como escrevem Kalina Silva e Maciel Silva (2009), houve uma maior segregação das minorias. Assim, desencadeou-se uma série de retrocessos e enraizamento de ideologias, estereotipação e dominação dentro e fora das instituições. Desta forma, a partir da imposição desse pensamento houve a negação do outro, uma manipulação na forma do saber, poder e da cultura. Sueli Carneiro (2005) em sua tese vai dizer que:

O Ser constrói o Não-ser, subtraindo-lhe aquele conjunto de características definidoras do Ser pleno: auto-controle, cultura, desenvolvimento, progresso e civilização. No contexto da relação de dominação e reificação do outro, instalada pelo

processo colonial, o estatuto do Outro é o de “coisa que fala”. (CARNEIRO 2005, p, 99).

Essa desconstrução do outro é tão intensificada que o controle do corpo e da mente feminina e as formas de se expressar ocasionaram silenciamentos. Em decorrência, houve devastação de muitas mulheres com a ideia de inferioridade, de não pertencente, de algo incompleto. Devido a isso as mulheres não iam às escolas, mas muitas sabiam escrever e construíam suas obras domésticas, seus relatos de experiências. Porém, a repressão era tão forte que tudo que foi citado acima as atingiam, chegando ao ponto delas mesmas destruírem suas histórias.

Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas [...] os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. As mulheres não têm sobrenome, têm apenas um nome [...] as mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. (PERROT, 2007, p, 17).

No contexto universitário, o epistemicídio também ocorre quando seu/sua professor(a) chega à sala e fala sobre um determinado assunto e sua referência não é transmitida corretamente. O texto trabalhado dentro da sala de aula fala sobre o assunto, porém a criadora do termo não é citada. Discentes que não conhecem, provavelmente, terão a percepção de que esse termo foi criado por homens brancos, pois na sociedade essa é, tradicionalmente, a figura de indivíduo que detém todo conhecimento. Desta forma, vai ser exterminado o conhecimento daquela intelectual naquele momento, fazendo, assim, com que tenha perpetuação dessa violência. “O epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender”, como escreve Sueli Carneiro (2005, p, 97).

Todos esses acontecimentos provocam uma destruição da imagem, das narrativas, da exposição de saberes femininos, fazendo com que se tenha a perda da história da mulher e a perda da identidade. Como escreve Kathryn Woodward (2000, p.11) “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos”. E, assim, não havendo esses antecedentes históricos, as mulheres tinham o mínimo de referências a serem seguidas e espelhadas, não estabelecendo enaltecimento e reconhecimento de um conjunto de construções.

Em decorrência dessa retirada, por exemplo, ocorreu a dizimação de povos indígenas junto com seus ensinamentos. Mas, Sueli Carneiro (2005) vem afirmar que o epistemicídio influenciou mais na subalternização do que no genocídio, pois com o epistemicídio não teria o

reconhecimento, atingindo um número maior de sujeitos que não tem seu lugar devido dentro da sociedade e que lutam para alcançar os meios de construção do conhecimento.

O epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista[...] e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (CARNEIRO *apud* SANTOS, 2005, p. 96.).

Com a falta da história das mulheres perdem-se suas referências. Reflexo disso é uma reprodução daquilo que não foi dedicado às mulheres. A pior das reproduções é o machismo que fere toda integridade do que é ser mulher, não respeitando as eventualidades do nosso próprio corpo que, segundo Michelle Perrot (2007, p.40), “Não o corpo imóvel com suas propriedades eternas, [...] o corpo tem uma história, física, estética, política, ideal e material, da qual os historiadores foram tomando consciência progressivamente”.

Dessa forma, muitas mulheres tiveram suas autonomias tomadas, principalmente nos países subdesenvolvidos, pois elas conseguiram entrar na escola tardiamente. E, em outros países, como na Somália, elas não têm direito aos estudos, assim fazendo com que seus pensamentos, suas ideias não eurocêtricas, muitas vezes não tenham visibilidade. Até então os pensamentos eram centrados sobre uma perspectiva masculina, eurocêntrica, branca e heterossexual, como afirma Ramón Grosfoguel (2016, p.44) em seu artigo: “Desde o fim do século XVIII, apenas homens de cinco países (França, Alemanha, Inglaterra, Itália e Estados Unidos) monopolizam o cânone nas universidades ocidentalizadas”. Portanto, essa concepção eurocêntrica do conhecimento tem que ser desconstruída, para que se obtenham outras visões, podendo ser utilizado, como ressalta Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Menezes (2009), as epistemologias do sul que seguem não uma linha geograficamente correta, mas ressaltam indivíduos e países subalternizados.

Audre Lorde (2019) vem falar desse silenciamento no seu texto *Transformação do silêncio em linguagem e ação*. No artigo citado, Audre Lorde traz a dor do silenciamento, porém, as suas experiências fazem com que ela escreva e transforme o silêncio em ação. Esse silêncio vai para além de suas experiências como intelectual, pois encontra outras mulheres sofrendo de outras formas esse silenciamento. bell hooks (2015) em seu texto *Mulheres Negras: moldando a teoria feminista*, vai pontuar e contemplar o que Audre Lorde (2019) expõe, o silenciamento em uma pirâmide social que atinge mais algumas mulheres do que outras e o oprimido que pode torna-se o opressor, não incluindo ou não sabendo se relacionar com esse social que vai para além do seu nicho, da sua bolha, do entorno do seu convívio. Com a visão

que essas autoras me proporcionam juntamente com Kimberle Crenshaw (2004) percebo essa intersecção, em que muitas das vezes, aquilo que não conseguimos enxergar acabamos silenciando, apagando ao invés de tornar visível as mulheres que são atravessadas por outras tantas violências.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A construção de uma identidade vai ser estabelecida de duas formas, tanto simbólica quanto social (*identidade e diferença*). A primeira trata-se de marcas de uma civilização ou produtos. Na segunda vai se produzir a diferenciação do outro, o outro não sou eu e o modo de viver na identidade nacional, vai ser constituída com a cultura, os produtos consumidos, a língua e outras. Quando se trata de gênero essa identidade não é determinada, visto que “as identidades nacionais produzidas são masculinas e estão ligadas a concepções militaristas de masculinidades” (WOODWARD, 2011, p.10).

E, assim, nessa construção de identidade para se constituir necessita da exclusão do outro, por meio do simbólico e do social, instalando assim uma identidade universal, excluindo toda a pluralidade existente. As mulheres ainda carregam estigmas ligados aos aspectos biológicos, principalmente interligados à vagina e à maternidade, sendo postas em lugares do apropriado e do inapropriado.

O sexo feminino é visto como uma carência, um defeito, uma fraqueza da natureza, Para Aristóteles, a mulher é um homem mal-acabado, um ser incompleto, uma forma mal-cozida. Freud faz da "inveja do pênis" o núcleo obsedante da sexualidade feminina. A mulher é um ser em concavidade, esburacado, marcado para a possessão, para a passividade. Por sua anatomia. Mas também por sua biologia. Seus humores — a água, o sangue (o sangue impuro), o leite — não têm o mesmo poder criador que o esperma, elas são apenas nutrizes[...] inferior, a mulher o é, de início, por causa de seu sexo, de sua genitália. (PERROT, 2007, p. 63).

Portanto, foi constituída uma “educação” para as meninas, como elas sendo controladas dentro das suas casas de início, tendo normas para sentar-se de uma forma comportada, tendo horários específicos para estarem fora de casa, sendo limitada a possibilidade de falar com qualquer pessoa. Ao entrar na escola esse controle continua e as meninas não podem brincar com os meninos. Na maioria das vezes tem que ficar na sala conversando com suas colegas e nesses dois espaços são ensinadas a cuidar. Nesses modos de manipulação de seus comportamentos e forma diferenciada de mostrar que as meninas não podem estar em qualquer lugar.

Há assim um olhar de reprovação, como também a privação da palavra, a proibição da expressão de pensamento, a exigência da boa conduta [...] os processos disciplinares e suas consequências na vida das pessoas dentro de instituições como a família, o quartel, a fábrica, a escola e o hospital. Assim, segundo o autor, produzem-se “corpos dóceis”, isto é, corpos obedientes e “bonzinhos”, que não contestam e que

apenas se deixam instruir. (BRIGHENTE *apud* BOURDIEU, FOUCAULT, 2011, p. 2391).

Para Anthony Giddens (2002, p.74) o “eu” vai se construindo psicologicamente, “pois há processos psicológicos de formação do eu que fornecem os parâmetros para reorganização do eu”. Logo, quando o indivíduo é manipulado, controlado, essa construção do eu vai ser desviada, pois a repressão da sociedade vai ser tão grande que fará com que as mulheres, principalmente, tenham uma atuação de reconhecimento não a partir de si, isso é mais grave quando se fala da mulher negra. Anthony Giddens (2002, p.76) também vai trazer na sua obra *Modernidade e identidade*, que “a flexibilidade do eu estende ao corpo”, onde esse corpo tem uma expressão, onde o corpo mostra e expressa o eu de cada um. Quando as mulheres têm sua autoafirmação, andam pelas ruas esbanjando sua identidade por isso se tornam tão diferentes daquelas que não tem a independência do seu do seu eu, sendo controladas pelas raízes do capitalismo, sexismo, universalismo e patriarcado.

Universalização, exclusão, epistemicídio, controle do corpo, todo um processo que as mulheres viveram de desmonte, fizeram com que se obtivesse uma identidade que não era delas. Portanto, elas tentavam fugir e até hoje tentam escapar dessa forma de dominação. As que não obedeciam ou tinha sua identidade firmada eram denominadas como bruxas e hoje são as feministas. Onde essas mulheres tentaram e tentam superar os que as corrompem e tentam fazer com que as suas companheiras também tomem essas lutas para elas, são retratadas no livro de Tomaz Tadeu da Silva (2004)

sempre foram mulheres que se atreveram a ser corajosas, agressivas, inteligentes, não conformistas, curiosas, independentes, sexualmente liberadas, revolucionárias [...] WITCH vive e ri em cada mulher. Ela é a parte livre de cada uma de nós [...]. Você é uma Bruxa pelo fato de ser mulher, indomável, desvairada, alegre e imortal. (MORGAN *apud* SILVA, 2004, p.296).

Até hoje as identidades femininas são construídas, querendo universalizar a pluralidade das mulheres, fazendo com que sejam diminuídas, objetivadas, sem capacidade de criação e sem inteligência. Porém, muitas dessas mulheres, para poder sobreviver ou construir seus conhecimentos, ocupar os espaços que não foram feitos para elas, usavam de outras identidades, inclusive a masculina, porque elas não tinham muitas referências devido aos desmontes já citados acima, então, não havia espelhos a serem seguidos.

Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. Inicialmente, por ausência de registro. Na própria língua. A gramática contribui para isso. Quando há mistura de gêneros, usa-se o masculino plural: eles as dissimulam. No caso de greves mistas, por exemplo, ignora-se quase sempre o número de mulheres. (PERROT, 2007, p. 21).

Assim, percebemos que a identidade é uma construção que ocorre dependendo da época vivida. Na modernidade, as identidades foram construídas a partir dos europeus onde eles se diziam “os que têm a cultura”. Essa construção vai ser fundamentada com base nos seguintes pilares principais: machismo, patriarcado, racismo e as classes. Sendo que, quem não se enquadra nessa denominação é forjada uma imagem para a sociedade.

[...] falam das mulheres, mas generalizando. "As mulheres são...", "A mulher é...". A prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. O mesmo ocorre com as imagens. Produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre os sonhos ou os medos dos artistas do que sobre as mulheres reais. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas. (PERROT, 2007, p. 17).

Quando é expressa uma identidade de ser pessoa livre, independente, dona de suas próprias escolhas dentro da sociedade tende a ser oprimida, pois há uma homogeneização identitária feminina também de culturas específicas, não estabelecendo uma análise individual e plural. Dessa forma, as mulheres vão começar a vivenciar uma identidade falsa, pois elas não vão conseguir estabelecer sua liberdade de construção, mesmo recebendo influência da cultura a mulher pode se impor e se construir. Porém, a influência violenta do machismo e sexismo tendem a moldar a figura feminina. Portanto, essa moldura vai acontecendo com as donas de casas por seus maridos, e com as intelectuais com sua valorização sendo limitada por conta de um sistema criado para os homens.

A identidade das mulheres e os conhecimentos, em vários outros aspectos, foram manipulados e até a imagem do que é ser mulher. Desta forma, constituindo uma identidade não propriamente sua, tanto pela repressão sofrida, quanto pela falta de uma autonomia e evasão das escolas e universidades. Ainda assim, as mulheres resistem, elas lutam por suas vidas, seus conhecimentos, por suas identidades. Essas guerreiras tentam, desde muito tempo, criar um conhecimento das mulheres para mulheres, para lutar contra o patriarcado que reprime todos os feitos e construir uma visão de mundo a partir das particularidades de ser mulher e de cada lugar dessas ramificações do ser mulher.

A partir de 1960, nos Estados Unidos, surgiu o movimento feminista, que assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres como indivíduos do sexo feminino, possuidoras de interesses compartilhados fim da subordinação aos homens, da invisibilidade e da impotência, a defesa do direito de igualdade e de controle sobre seu corpo e sobre sua vida. (SILVA e SILVA, 2009, p. 146).

A mulher é intitulada na sociedade para casar e ser mãe, principalmente. A partir dessa imposição haverá várias pressões da sociedade, fazendo, assim, com que as mulheres não exerçam o que realmente são muitas das vezes. No entanto, o fortalecimento do Movimento Feminista, fez com que as mulheres pensassem seus lugares, dando assim uma nova forma das

mulheres se expressarem produzindo conhecimento próprio para lutar contra o que as matam, o que faz com que elas não sejam o que são.

O avanço nas conquistas e lutas das mulheres se deu com o movimento feminista, que tem teor político e econômico com objetivo de debater e lutar pelos direitos das mulheres. Esse movimento teve surgimento em meados do século XIX, sendo que o ponto principal de desenvolvimento foi a Revolução Francesa, proporcionando um despertar para as desigualdades, construindo assim questionamentos que alavancaram a luta para diminuição das desigualdades.

O movimento feminista começou com um grupo de mulheres que em sua maioria eram inglesas e lutavam por participação feminina nas eleições. Essa foi caracterizada como primeira onda, nomeada de movimento sufragista e aconteceu nos séculos XIX e XX e buscava o direito de voto das mulheres. Esse movimento foi se fortalecendo em outros espaços, como nos Estados Unidos e Reino Unido. Nas décadas de 60 e 90 foi se moldando a segunda onda do movimento, que debatia pela igualdade social e de direitos, tal como a liberdade sexual, maternidade e direitos de reprodução, proporcionando a consciência da coletividade. Até esse momento, o movimento feminista era constituído, majoritariamente, por mulheres brancas, visto que as mulheres negras tinham outras questões que não eram vivenciadas por mulheres brancas, por exemplo, a vida.

Assim, a terceira onda iniciou nos anos 90 buscando a total liberdade de escolha das mulheres em relação às suas vidas e surgindo o termo interseccionalidade. A interseccionalidade é uma referência aos variados tipos de opressão que uma mesma mulher pode sofrer, cujo primeiros movimentos feministas não conseguiam contemplar. Carla Akotirene (2020, p.114), acompanhando Kimberlé Crenshaw vai dizer que “a interseccionalidade é a autoridade intelectual de todas as mulheres que um dia foram interrompidas”.

Contudo, dentre várias outras formas de opressões, para subverter isso as mulheres procuraram as universidades.

Em 1973, com Pauline Schmitt e Eabienne Bock, oferecemos um primeiro curso, que tinha por título "As mulheres têm uma história[...] O itinerário que percorri, de uma descoberta, de um advento, inscreve-se num movimento coletivo[...] O desenvolvimento da história das mulheres acompanha em surdina o "movimento" das mulheres em direção à emancipação e à liberação. Trata-se da tradução e do efeito de uma tomada de consciência ainda mais vasta: a da dimensão sexuada da sociedade e da história. (PERROT, 2007. p. 15).

Porém, até hoje as mulheres ainda estão lutando para conceder, desfrutar dessa libertação, que se tenha uma maior autonomia, e que os espaços sejam criados para elas e não

para que elas se adéquem aos espaços. Assim, sendo possível a construção de um ser feminino sem estereótipos e sistemas opressores.

MULHERES UNIVERSITÁRIAS

Dentro da história universal as mulheres não frequentavam escolas e universidades. Essa foi uma batalha cravejada de muitas lutas, pois na cronologia deste processo continuamos a ser invisibilizadas. “Bem diferente da educação que era dada aos homens, que desde cedo eram ensinados a ler, a escrever, fazendo que diferentemente das mulheres pudessem ter acesso com enorme facilidade ao ensino superior” (BEZERRA, 2002 p.2). No entanto, o cenário foi se modificando entrando a primeira mulher na universidade no ano de 1837 em uma universidade dos Estados Unidos feita só para mulheres, afirma Nathalia Bezerra (2002). No Brasil, a primeira mulher formada não teve a oportunidade de se graduar no nosso território, mas já serviu de motivação para as outras que vieram. A partir de 1879 as mulheres conseguiram frequentar as universidades aqui no Brasil, com permissão de Dom Pedro II.

A professora e pesquisadora Nailda Marinho, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), e que coordena um estudo sobre a inserção e permanência feminina nos cursos superiores do Rio de Janeiro ao longo dos séculos XIX e XX, entrevistada por Débora Mota (2014)³, aponta que a Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino, fundada em 1922, tendo como uma das líderes Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976), teve papel decisivo pela inclusão acadêmica feminina no país, visto que realizava congressos tendo como pauta o ensino superior e os aspectos necessários para a permanência da mulher na universidade, como a construção de moradia estudantil própria para as mulheres. Assim, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino fundou no ano de 1929 a União Universitária Feminina, que passou a se chamar Associação Brasileira de Mulheres Universitárias, em 1961. Importante destacar ainda que em 1937, a União Universitária Feminina foi convocada formalmente para a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Em termos de pioneirismo feminino no ensino superior, Maria Augusta Generoso Estrela (1860-1946) foi a primeira brasileira a possuir um diploma de ensino superior, graduando-se nos Estados Unidos em Medicina no ano de 1882. Assim, Rita Lobato Velho Lopes (1867-1954) se tornou a primeira mulher a se graduar no Brasil na Faculdade de

³ Pesquisa analisa inserção das mulheres no ensino superior no Rio de Janeiro | História, Ciências, Saúde – Manguinhos (fiocruz.br)

Medicina da Bahia, em 1887. Contudo, a diversidade é marcada pela desigualdade. Dessa forma, apenas no ano de 1945, Enedina Alves Marques (1913-1981), mulher negra, se formou em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná, tornando-se a primeira mulher a se formar em engenharia no estado e a primeira engenheira negra do Brasil.

Somente a partir do ano de 2010 tem-se no Brasil a conclusão de doutorados acadêmicos por parte de mulheres trans e travestis. Jaqueline Gomes de Jesus, mulher trans, negra, psicóloga, professora universitária e ativista brasileira, concluiu o doutorado no ano de 2010 na Universidade de Brasília (UnB), sendo também a primeira mulher trans a receber, em 2017, a Medalha Chiquinha Gonzaga da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, por indicação da vereadora Marielle Franco. E, a professora Luma Nogueira, pedagoga, professora, ativista social e a primeira travesti a conquistar o título de doutora, em 2012, pela Universidade Federal do Ceará e a torna-se professora efetiva numa universidade pública no Brasil, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB/CE), no ano de 2013.

É importante pontuar que o preconceito, o racismo que significa desigualdade de acesso ao ensino superior e as pós-graduações atravessa as instituições públicas de ensino superior nas regiões brasileiras. Sônia Guimarães, mulher negra, docente do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) de São José dos Campos desde 1993, se tornou a primeira mulher negra doutorada em física do Brasil, concluindo a pesquisa em 1989, na University of Manchester Institute of Science and Technology, localizada na Inglaterra. E, somente no ano de 2018 tem-se a primeira mulher negra a concluir o doutorado em Educação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), a pedagoga, professora, escritora, ativista social e política Maria Rita Py Dutra. Dessa forma, o protagonismo dessas mulheres revela a transfobia e o racismo institucional e estrutural das instituições de ensino e, em especial, das universidades públicas brasileiras.

Especificamente dentro da área da Sociologia, as mulheres também foram historicamente invisibilizadas. Atualmente, sociólogas pioneiras, mas que não tiveram suas obras amplamente divulgadas como os denominados pais da sociologia Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920), e outros mais atuais e vastamente conhecidos como Pierre Bourdieu (1930-2002) e Zygmunt Bauman (1925-2017), estão sendo redescoberta, traduzidas, lidas e, finalmente reconhecidas por um público mais amplo. Como a inglesa Harriet Martineau (1802-1876), a franco-peruana Flora Tristan (1803-1844), a alemã Marianne Weber (1870-1954), as afro-americanas Anna Julia Cooper (1858-1964) e Ida B. Wells (1862-1931), entre outras.

No Brasil, a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), mantém uma página⁴ intitulada Biblioteca das Sociólogas Brasileiras em que constam: Aparecida Joly Gouveia (1919-1998), que se graduou em Ciências Sociais e Políticas pela Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) em 1950, e passou a lecionar no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1966, tendo se dedicado a temáticas da sociologia da educação e da metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. Elizabeth Souza Lobo (1943-1991), professora universitária, ativista e militante feminista que coordenou o programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da USP e integrou o Programa de Pós-Graduação em História Social do Trabalho da UNICAMP como Professora visitante, tendo desenvolvido pesquisas sobre sociologia e história social do trabalho, gênero e trabalho, feminismo e estudos de gênero. Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1934-2010), formada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1960 e docente desta mesma instituição a partir de 1963, tendo notável destaque nas pesquisas sobre feminismo, estudos de gênero, violência de gênero, gênero, mulheres e capitalismo. Lucila Hermann (1902-1955), em 1937 formou-se em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, tornando-se assistente da cadeira de Sociologia I, em 1945 defendeu tese de doutorado considerada uma das primeiras pesquisas sobre gênero no Brasil, em 1946 escreveu o trabalho *A organização social dos Vapidianos do território do Rio Branco* que lhe conferiu o título de Master of Sciences – Etnologia pela ELSP, e no ano de 1947 assumiu a cadeira de Ciência da Administração no antigo Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da USP. Virgínia Leone Bicudo (1910-2003), que se graduou em Ciências Sociais e Políticas pela Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), em 1938, sendo que no ano de 1945 defendeu a primeira tese de mestrado sobre relações raciais no Brasil intitulada *Atitudes Raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, tendo ingressado logo após no quadro de professores da ELSP, e em 1954, foi contratada pelo Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

É preciso trazer o nome dessas mulheres sociólogas e sua importância para o desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil, pois, assim como na história do surgimento da Sociologia e seus precursores, as mulheres foram invisibilizadas, da mesma forma no Brasil, no quadro dos grandes pesquisadores da Sociologia no Brasil são encontrados nomes como Florestan Fernandes (1920-1955), Darcy Ribeiro (1922-1997), Gilberto Freyre (1900-1987), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) e Caio Prado Júnior (1907-1990). Contudo, mulheres

⁴Ver site: [Biblioteca das Sociólogas Brasileiras - Sociedade Brasileira de Sociologia \(sbsociologia.com.br\)](http://sbsociologia.com.br)

sociólogas foram protagonistas em suas pesquisas como observado, por exemplo, com o trabalho de Virgínia Leone Bicudo com a pesquisa sobre relações raciais no Brasil e Lucila Hermann sobre as questões de gênero no Brasil.

Hoje nos cursos de graduação as mulheres se fazem maioria. De acordo com dados do IBGE no censo de 2000 o quantitativo de mulheres que concluíram o ensino superior é de 7%, sendo que de homens na mesma década é de 6,53%. Já no censo de 2010 no Brasil 9,95% dos homens tinham o ensino superior completo enquanto as mulheres perfizeram cerca de 12,5%. Então, essas mulheres produtoras de conhecimento estão inseridas nos espaços de formação. Quando apontamos uma visão da interseção da Kimberle Creshaw (2004) obtemos um outro cenário, mulheres brancas no censo de 2000 tinha 10% enquanto mulheres pretas ou pardas 2,55%. Em 2010 houve um aumento entre ambas, porém não obteve nivelamento, a desigualdade do acesso ainda prosseguiu com 17,7% da conclusão das mulheres brancas no ensino superior e 6,71% das mulheres pretas e pardas. Dentro dessa progressão, as mulheres pretas são mais invisibilizadas e ainda não conseguem concluir o ensino superior, contribuindo na morte do conhecimento dessas pessoas, pois elas não estão lá para dar continuidade no desenvolvimento e representatividade dentro dos espaços.

METODOLOGIA

Visto que um dos intuitos dessa pesquisa foi compreender como o epistemicídio feminino reflete na construção da identidade das mulheres universitárias, foi utilizado do método narrativo para compreender as percepções de professoras universitárias sobre o seu processo formativo em relação ao conhecimento de mulheres intelectuais e como se reflete no exercício da docência. Como método narrativo, o foco está na investigação da história de vida narrada pelas participantes das entrevistas. Segundo o artigo de Paula Sahagoff (2015, p.02) a “pesquisa narrativa é um processo de aprendizagem para que se possa pensar narrativamente, para que se atente para as vidas, enquanto vividas narrativamente”.

Assim, relatos, experiências e percepções das próprias mulheres que estão dentro da universidade através de narrativas orais tornam-se central, com o objetivo de entender os processos de construção das identidades femininas, a partir de sua trajetória de construção do conhecimento universitário e da relação ou não, com intelectuais femininas.

Desta forma, com o propósito de cumprir com os objetivos da pesquisa, optou-se pela utilização de uma abordagem qualitativa que, segundo Joaquim Severino (2014) esse tipo de abordagem faz com que seja referido a um conjunto de metodologias, em que “são várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa”. Já Flick (2009)

refere-se a pesquisa qualitativa de particular importância para a compreensão das relações sociais, na medida em que a vida é constituída de pluralidades.

Portanto, esse método proporcionou um contato maior com as especificidades da temática da pesquisa, fazendo assim, que fosse possível um melhor desempenho na coleta de dados. No contexto pandêmico que estamos vivenciando, o contato ocorreu em meio a plataformas digitais, o contato face a face com as participantes envolveria distanciamento. Logo, a pesquisa foi realizada por meio de entrevistas online, o que permitiu um aprofundamento na compreensão de como foi o processo da construção das identidades das participantes.

As interlocutoras da pesquisa são professoras universitárias das Ciências Sociais ou Sociologia de universidades públicas do estado do Ceará. A escolha por pesquisar professoras dos cursos de Ciências Sociais deve-se ao meu curso de formação, lugar de estranhamentos iniciais e na perspectiva de contribuir com ele. O momento pandêmico vivenciado tornou difícil ir ao encontro de forma presencial das professoras. No entanto, foi utilizada a estratégia de conversa com algumas estudantes, conhecidas por esta pesquisadora, de outras universidades para construir uma rede que me permitisse ter contato com as professoras. Estas professoras também me auxiliaram a entrar em contato com outras e assim construir essa rede das participantes voluntárias.

Dessa forma, essa pesquisa visa o aprofundamento no entendimento acerca dos fatores que implicam na construção da identidade das professoras universitárias. A quantidade de entrevistadas não foi definida no momento da escrita do projeto, pois se tem a concepção de que a abertura ao campo de pesquisa e o seu desenvolvimento configuram a quantidade de entrevistas a serem realizadas no alcance dos objetivos. Dessa forma, três professoras⁵ foram entrevistadas, duas de universidades estaduais e uma de universidade federal do estado do Ceará.

Visando o aprofundamento e compreensão de como é construída a identidade das professoras universitárias, seguiu-se o seguinte roteiro de entrevista: (1) Qual período de formação; (2) Como foi seu primeiro contato com obras das intelectuais?; (3) No seu percurso formativo, durante a graduação, mestrado e doutorado, como foi o seu contato com obras de intelectuais femininas?; (4) Qual a influência que elas tiveram na construção de sua identidade profissional de pesquisadora e docente? De que forma as intelectuais influenciam na construção de sua identidade, quais as mudanças você notou nessa influência?; (5) Em que medida você aborda obras de intelectuais femininas nas disciplinas que ministra?; (6) Como você percebe a

⁵ Em respeito ao direito do anonimato os nomes das interlocutoras que aparecem no texto são fictícios.

recepção dessas obras entre alunos, alunas e alunes?; (7) Qual a importância de estudar intelectuais mulheres e ou levá-las para serem estudadas?; (8) Para você é importante uma diversificação de gênero no referencial bibliográfico de uma disciplina?; (9) No estudo que já obteve com obras ou sobre intelectuais foi ministrada por homens ou por mulheres ou já teve com ambos?; e (10) Você já teve algum feedback sobre ter mulheres no currículo?.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A partir das narrativas obtidas e das análises efetuadas, foi possível observar toda uma contextualização da relação dessas professoras universitárias com a literatura feminina. Durante o processo das entrevistas e exterior as entrevistas, na vivência acadêmica, com colegas da graduação que trabalharam em uma perspectiva do silenciamento, é possível compreender a necessidade de evidenciar a literatura feminina, pois como fala a professora Eva na entrevista, “quando você não evidencia, você está silenciando”. Logo procurei ao máximo trabalhos de mulheres com essa vertente para construir junto, aumentando o debate e acrescentando as ramificações.

Em três entrevistas que fiz percebo que as professoras tiveram acesso a intelectuais no seu percurso formativo, porém como fala a professora Ivy “não é que elas não estejam na academia, mas o espaço é diminuto, muito pequeno”. Com isso, essas professoras tiveram o contato pontualmente através dos movimentos sociais, em pesquisas elaboradas e, também, através de grupos de culturas populares, sendo que, na universidade bem menor, configurando uma maioria de autores homens. Uma das entrevistadas relata que teve contato bem no início com as obras das próprias professoras e que eram bem comum essas leituras.

Em relação a construção da identidade profissional, pelo menos duas das entrevistadas relataram que suas inspirações foram as suas professoras, tanto na figura da pesquisa, como em ser docente. A identidade construída por essas mulheres não advém das intelectuais. Mas, como pontua a professora Ivy

Essas autoras (negras) me inspiram, faz com que saia do cânone eurocêntrico e abala um pouco na construção das aulas, me tira da zona de conforto de forma dolorida outras vezes de forma tranquila. Com isso, busco levar essas autoras para meus estudantes na graduação, até porque não tive.

Aqui fazemos um paralelo de três evidências obtidas com a inserção de mulheres nas disciplinas ministradas por cada uma. Primeiro, uma relata que na sua primeira vez ministrando só seguiu a ementa e não houve uma reflexão, mas que com tempo começou a ter e percebeu que na sociologia do ensino médio sua maioria são mulheres como Danielle Nillyn, Rose

Almeida, são nas disciplinas optativas e de Sociologia no ensino médio que ela incorpora essas mulheres. A segunda entrevistada relata não fazer uma divisão de sempre ter que colocar mulheres, mas que elas são inseridas quando são referência, ela sente que ainda tem que conhecer mais. E, terceiro, uma análise feita por uma das entrevistadas, a professora Eva, é de que há pouco avanço dessa desconstrução do currículo e a inserção de mulheres. Para esta docente, se constrói disciplinas que debate gênero, no entanto, essas disciplinas são optativas. Contudo, isso se torna um avanço no que diz respeito aos relatos que não havia esse debate durante a formação dessas professoras. Essas mulheres intelectuais aparecem em maior quantidade nas disciplinas pedagógicas e, isso é nítido na fala das três entrevistadas, que narram essa experiência. Quando se pensa século XVIII, XIX são visualizados somente homens.

Dentro de um recorte de tempo, em que duas entrevistadas começaram suas trajetórias acadêmicas nos anos 90, se analisa também na fala delas a negação do debate da inclusão dos estudos de obras de mulheres. Mas que, no decorrer do tempo, elas conseguem perceber gradativamente a inserção desse debate dentro da universidade, apesar de ainda os cursos de Ciências Sociais terem uma base eurocentrada, “normativa” e com maior percentual de homens.

Não havia o questionamento do porquê essas mulheres não estavam presentes, por essa falta de debate. “Existe um esforço pra tentar recuperar o que as mulheres fizeram no início das Ciências Sociais, a inclusão dessas mulheres nas disciplinas, mas é um esforço inicial”, como relata a professora Anna. Esta docente ainda reflete que “Tem áreas que são mais difíceis ainda encontrar mulheres, recuperar Martineau, Marianne Weber, mas temos hoje uma grande socióloga Saskia Sassen”. Então, com essa crescente e recente presença das mulheres, das produções, como base epistemológica, é possível perceber, como relatado na entrevista que temos muito ainda a conhecer dessas intelectuais.

Assim, os apagamentos vão se constituindo, pois a minha experiência também aponta que, por exemplo, Saskia Sassen (1947), socióloga holandesa, é pouco debatida ou citada. É apontado que dentro das disciplinas teóricas e obrigatórias que são, prioritariamente, essas que constroem o olhar da/o Socióloga(o) ou/e Cientistas Sociais essas mulheres estão em menor número ou não estão presentes. Como é pontuado por uma das entrevistadas que na disciplina de Pensamento Social Brasileiro, Lélia Gonzales (1935-1944) fomenta um debate riquíssimo, porém não está situada dentro dessa disciplina.

Percebemos que o epistemicídio vem criando novas roupagens. Evidenciando o que foi posto no tópico acima, essa violência era fatal com queima de mulheres, tortura e outras violências que não se efetuava só moralmente, mas ia de encontro ao corpo, ao físico. Hoje a

morte física ainda permanece, como podemos citar o assassinato de Marielle Franco⁶, porém, é cotidianamente direcionada de outras formas, provocando a desistência de estar nesses espaços.

No que diz respeito a recepção de estudantes para com essas obras, uma das professoras pondera que tem mais relação com a obra do que com o gênero e que os alunos leem menos do que, por exemplo, quando ela era estudante. Para outra entrevistada é evidenciado que a recepção é boa, mas que um público específico sente desconforto, principalmente quando se trata do debate sobre gênero e sexualidade. A professora Eva relata que “vejo que os alunos estão mais atentos e que nós professores temos que alcançar o ritmo deles.”

Sobre a importância de se estudar autoras, para cada uma das entrevistadas tem uma singularidade. As falas de cada uma traz essa complementaridade da importância. Ana relata que “A importância de se estudar mulheres é a mesma importância de elas estarem em qualquer outro lugar”. Para Eva “A importância é muito grande, primeiro que temos que parar com esse silenciamento, um silenciamento em todas as áreas em todas as ciências. Acho que isso faz a diferença”. E, para a professora Ivy “É importante porque a gente traz outras perspectivas para dentro da sala de aula, pensando que a sala de aula é um espaço de poder e fica dentro de uma estrutura de poder. Buscar contribuir com esse processo da não reprodução”. A evidência dessas mulheres serve para mostrar que esse espaço da ciência como um todo, é das mulheres também, deste modo faz com que tenha o pensamento de capacidade e não pensamento de inferioridade.

A professora Anna relata também que há necessidade de uma “redefinição de papéis para que as mulheres alcancem patamares diferentes, chegando a acompanhar esse ritmo que é academia, com produções, palestras, bancas, redes de pesquisa etc.”. A diversificação é fundamental, pois Ivy diz que “a gente vive falando de processos de igualdade, mas quando chega nos currículos, nossos currículos ainda são majoritariamente masculinos”. Colocar referência na temática é fundamental. Aqui percebemos que esse debate tem que ser levado a diante, pois não chegou a uma maioria e essa reflexão de reconstrução dos currículos com a presença de autoras. Essa reformulação precisa acontecer, pois, as mulheres estão nesses espaços e suas produções precisam ser referenciadas.

⁶ Marielle Franco, foi uma socióloga e política brasileira, era filiada ao partido Socialismo e Liberdade se tornou vereadora do Rio de Janeiro em 2017, nas eleições de 2016. Em 2018 antes de terminar seu mandato essa intelectual foi brutalmente assassinada a tiros.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo compreender em que medida o silenciamento de autoras afetou a formação universitária de mulheres cientistas sociais, assim como, perceber como essas mulheres, hoje professoras universitárias, refletem sobre a influência de outras cientistas sociais nas suas identidades como mulheres, docentes e intelectuais.

Dessa forma, a pesquisa revelou que a identidade construída das professoras entrevistadas advém majoritariamente não das leituras das intelectuais, mas sim dos reflexos das suas professoras. A inspiração de serem docentes, pesquisadoras vem da admiração da potencialidade de quem está ali exercendo essa função na formação. Essas mulheres são as intelectuais que constituem o repertório de presença dessa representação dentro da graduação e das trajetórias acadêmicas dessas professoras.

As compreensões que essa pesquisa possibilitou reforça a percepção do silenciamento feminino na academia e nos currículos dos cursos de Ciências Sociais. É dessa forma que o epistemicídio se formula. Os currículos dos cursos de Ciências Sociais têm mudanças lentíssimas e as mulheres que eram para estar nesse espaço não estão, pois ainda está enraizado uma ciência social do homem, branco, hétero e europeu.

Penso que essa é a raiz, contudo, nessa árvore ache-se folhas novas, e que essas folhas façam a árvore ficar mais forte e conceder frutos para que as novas raízes tenham suas fórmulas mudadas. Isso se consegue com trabalhos escritos, questionamentos nos espaços e trazendo essas mulheres para serem escutadas, fazendo com que essas mulheres busquem e levem para o seu espaço, sala de aula, palestras, citações e vários outros lugares. Dessa forma, o epistemicídio, o silenciamento vai sendo diminuído e vamos ecoando para que esse debate se estenda.

Existe um avanço na construção do debate, mas ainda tem muito a se conhecer, pelo fato desse apagamento. Então, na medida que essas mulheres estão sendo reconhecidas por essas outras mulheres, esse movimento de desconstrução de atingir, elas estão sendo colocadas nos currículos, nas grades, mas isso também é processo e tempo.

As mulheres seguem uma dupla jornada. Por conta disso, muito delas param no meio do caminho, não conseguindo continuar sua carreira para se constituir intelectual. Então, as mulheres não são só silenciadas, muitas das vezes elas não conseguem chegar em patamares para escoar seus conhecimentos.

Outra observação é que apesar de as mulheres serem referenciadas pelas professoras entrevistadas, elas são pelas próprias mulheres. Resta o questionamento se professores homens se preocupam em trazer referências de autoras, pesquisadoras, de mulheres cientistas sociais. O

que se percebe é exatamente que quem sofre mais esse apagamento, isto é, as mulheres pretas e trans, pois ainda há uma predominância dos debates de gênero, por exemplo, de mulheres brancas europeias ou dos países do norte global.

Na entrevista com a Professora Ana, ela enfatizou sobre esse processo da mulher dentro da academia e questionou: “Porque elas são maioria nas graduações, nos mestrados e quando chega no doutorado, no pós-doutorado esse funil se estreita significativamente? O que faz uma quantidade significativa de mulheres parar sua trajetória acadêmica, seja em qualquer segmento dela?”. Finalizo com esse questionamento na intenção de dar continuidade nas pesquisas e na luta.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

BEZERRA Nathalia - **Mulher e universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade**. 2010.

BRIGHENTE, Mirian; MESQUIDA, Peri - **Michel Foucault: Corpos doces e disciplinados nas instituições escolares**, Congresso nacional de educação - EDURECE, Paraná, p. 2391, 2403. 2011.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

COSTA, Luana Lessa - **Epistemicídio feminino em contraste com a produção intelectual de mulheres: uma discussão sobre feminismo e representatividade no mundo acadêmico**. 2019.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Brasil: Traficantes de Sueños, 2004. 506 p. Coletivo Sycorax.

FLICK. **Introdução à pesquisa qualitativa**. tradução Joice Elias Costa. - 3. ed.- Porto Alegre: ARTMED, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, [s.l.], v. 31, n. 1, p.25-49, abr. 2016. Fap UNIFESP.

HOOKS Bell, **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.

IBGE - <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7138> 04/11/21

LORDE, Audre - **Transformação do Silêncio em Linguagem e Ação**. "Irmã Extranjeira" (Sister Outsider), Ensaios e Conferências, 1984. Apresentação lida no painel sobre Lesbianismo e Literatura, da Associação de Língua Moderna, em Chicago, Illinois, 28 de dezembro de 1977, publicada pela primeira vez em 1978, no volume 6 de Sinister Wisdom, revista de feminismo radical.

MARQUES, Bianca Santos. **Gênero, ciência e silenciamentos**: as percepções de mulheres pesquisadoras e docentes em uma universidade brasileira. 2022.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educ. Pesqui** [online]. 2004, vol.30, n.2, pp.289-300.

OLIVEIRA Amurabi, Melo F Marina, Quemuel Baruque de Rodrigues e Mayres Pequeno, «Gênero edesigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisado CNPq», **Configurações** [Online], 27 | 2021.

PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto. 190 p. Angela M. S. Côrrea.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013. 276 p.

SAHAGOFF, Ana Paula. **Pesquisa narrativa**: uma metodologia para compreender a experiência humana. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação SEPesq – 19 a 23 de outubro de 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina Sa, 2009.

SANTOS, Lima Jaqueline. **A Produção Intelectual das Mulheres Negras e o Epistemicídio**: Uma breve contribuição. quarta-feira, 9 de junho de 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico] - 1.ed - São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004.